



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ESTER CHAVES PESSOA

**EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: A INFLUÊNCIA DO INSTRUTOR SURDO  
NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DE ESTUDANTES SURDOS.**

SÃO CARLOS – SP  
2023

ESTER CHAVES PESSOA

**EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: A INFLUÊNCIA DO INSTRUTOR SURDO  
NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DE ESTUDANTES SURDOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa.Dra. Lara Ferreira dos Santos

São Carlos - SP  
2023

Pessoa, Ester Chaves

Educação bilíngue de surdos: a influência do Instrutor Surdo na aquisição de linguagem de estudantes surdos / Ester Chaves Pessoa – 2023.  
48f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Lara Ferreira dos Santos

Banca Examinadora: Raíssa Siqueira Tostes, Milena Maria Pinto

Bibliografia

1. Instrutor surdo. 2. Educação Bilíngue. 3. Língua Brasileira de Sinais. I. Pessoa, Ester Chaves. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia Bacharelado em  
Tradução e Interpretação em  
Língua Brasileira de Sinais – Libras / Língua Portuguesa

**Folha de aprovação**

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Ester Chaves Pessoa, realizada em 04/09/2023.

---

Prof. Dr. Lara Ferreira dos Santos (Orientadora)  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Me. Raissa Siqueira Tostes  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Me. Milena Maria Pinto  
Universidade Federal de São Carlos

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão a mim mesma por não ter desistido diante das dificuldades. No entanto, reconheço que minha jornada só aconteceu graças às pessoas que estiveram ao meu lado. Entre elas, minha mãe Maria Luzia ocupa um lugar especial. Ela foi minha maior apoiadora ao longo da minha vida, esteve comigo sempre, sem esperar nada em troca.

À minha irmã Vânia e meu cunhado Cristiano, que me incentivaram desde o início a estudar e seguir minha graduação. Vocês acreditaram em mim antes de todos, e por isso serei eternamente grata.

Agradeço também ao meu pai José, que me apoiou do seu jeito, mesmo sem entender os meus sonhos, ele os respeitou e me ajudou. Aos meus irmãos Rosana, Etelvina e Dalton, que sempre torceram e vibraram com as minhas conquistas.

Ao meu noivo André que chegou no meio da minha jornada, mas se tornou a pessoa mais importante da minha vida. Estou onde estou porque ele me apoiou, me consolou quando chorei, vibrou com as minhas vitórias como se fossem suas e me mostrou que ter alguém que torce por você, te impulsiona a alcançar objetivos que antes pareciam impossíveis. André, você colocou fé em todos os meus sonhos, e por isso terá meu amor e respeito para sempre.

Quero agradecer aos meus amigos Lucas e Idris, que foram verdadeiros companheiros nessa jornada, e especialmente ao meu amigo Jonathas, que me acompanha e é meu parceiro no trabalho e na vida.

Por fim, minha orientadora Lara, que me incentivou desde o momento em que me interessei pela pesquisa. Ela segurou minha mão nos momentos difíceis e me ajudou ativamente a alcançar meus objetivos acadêmicos. Além disso, foi minha amiga e me fez desejar que todos tenham a sorte de encontrar uma orientadora tão maravilhosa quanto ela.

Essas pessoas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional, e sou grata por todas as contribuições que fizeram em minha vida. Seu apoio e encorajamento tornaram possível superar obstáculos e alcançar conquistas que nunca imaginei serem possíveis.

# EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: A INFLUÊNCIA DO INSTRUTOR SURDO NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DE ESTUDANTES SURDOS

## RESUMO

A presença do Instrutor Surdo nos contextos escolares é algo recente se compararmos com toda a história da educação de surdos no Brasil. Esse profissional, que faz parte da proposta de educação bilíngue tem como principal função proporcionar a reafirmação da identidade dos estudantes surdos, suas especificidades e a valorização de sua língua e cultura. Isto motivou a pesquisa em relação à atuação deste profissional, uma vez que o trabalho do Instrutor Surdo ainda é pouco explorado no campo da educação. O objetivo desta pesquisa foi investigar como se dá o trabalho do Instrutor Surdo, buscando compreender como é este trabalho e quais as estratégias utilizadas em sua oficina, para promover o aprendizado da criança surda, considerando neste aprendizado a construção identitária da criança surda e também a valorização de sua língua e cultura. A coleta de dados se deu por meio de observação de sua atuação em sala de aula junto a crianças surdas do ensino infantil, com registro em diário de campo, a fim de relatar as práticas desenvolvidas por esse profissional. Foi possível identificar a importância do brincar na relação entre Instrutor e estudante, a partir dos estudos vigotskianos sobre o desenvolvimento de linguagem, mediada por um adulto mais experiente e do lugar na brincadeira nesse processo de aquisição. Os dados apresentados são recortes desses relatos, analisados à luz de estudos sobre desenvolvimento de linguagem e identidade surda. Os resultados indicam que o trabalho do Instrutor Surdo se mostra fundamental no desenvolvimento da criança, e centra-se não apenas no ensino da Libras, mas no brincar, nas relações, e em dar sentido aos elementos presentes na comunicação, possibilitando a ela conhecimento de mundo.

**Palavras-chave:** Instrutor surdo; Educação Bilíngue; Língua Brasileira de Sinais.

# **BILINGUAL EDUCATION FOR THE DEAF: THE INFLUENCE OF DEAF INSTRUCTORS ON DEAF STUDENTS' LANGUAGE ACQUISITION**

## **ABSTRACT**

The presence of the Deaf Instructor in school contexts is a recent development when compared to the entire history of deaf education in Brazil. This professional, who is part of the proposal for bilingual education, has as his main function to provide the reaffirmation of the identity of deaf students, their specificities, and the valorization of their language and culture. This motivated the research regarding the performance of this professional, since the work of the Deaf Instructor is still little explored in the field of education. The aim of this research was to investigate how the Deaf Instructor's work is carried out, seeking to understand how this work is done and what strategies are used in their workshop to promote the learning of deaf children, considering in this learning the construction of the deaf child's identity and also the valorization of their language and culture. Data collection was carried out through observation of their work in the classroom with deaf children in early childhood education, with records in a field diary, in order to report the practices developed by this professional. It was possible to identify the importance of play in the relationship between the Instructor and the student, based on Vygotsky's studies on language development, mediated by a more experienced adult and the role of play in this acquisition process. The data presented are excerpts from these reports, analyzed in light of studies on language development and deaf identity. The results indicate that the work of the Deaf Instructor is fundamental in the development of the child, focusing not only on teaching (Brazilian Sign Language) Libras, but also on play, relationships, and giving meaning to the elements present in communication, enabling them to acquire knowledge of the world.

**Keywords:** Deaf Instructor; Bilingual Education; Brazilian Sign Language.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....	11
O PAPEL DO INSTRUTOR SURDO E O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS SURDAS.....	12
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>18</b>
MATERIAL E MÉTODO.....	18
LOCAL DA PESQUISA.....	20
PARTICIPANTE.....	20
INFORMAÇÕES SOBRE A COLETA DE DADOS.....	21
FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	21
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>23</b>
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	23
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>
ANEXO I.....	36
ANEXO II.....	40
ANEXO III.....	41

## APRESENTAÇÃO

O primeiro contato que eu tive com a Libras (Língua Brasileira de Sinais) foi em uma igreja que eu frequentava em 2018; estavam ensinando Libras para interpretar os cultos para quem se interessasse, o que foi o meu caso. Eu aprendi e fui uma das pessoas que se deu muito bem com a Libras e a arte da interpretação na esfera religiosa. Quando fui prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) a aplicadora da prova, formada em Educação Especial, estava comentando com alguém sobre o curso Letras-Libras, o que me interessou muito e me fez pesquisar sobre. Apesar da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) não possuir o curso Letras-Libras, é uma universidade já conhecida por um membro da minha família que me incentivou a estudar aqui e fazer o curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras - Português, que na época eu acreditava ser parecido com Letras-Libras.

Quando me mudei do interior de Minas Gerais para estudar na Universidade Federal de São Carlos, eu aprendi muitas coisas sobre a comunidade surda, sobre o que de fato significava a Libras, sobre a tradução e interpretação de Libras como profissão. Todos esses conhecimentos que eu adquiri através de contato com os professores surdos e com os textos acadêmicos mudaram meu ponto de vista sobre as pessoas surdas, sobre a Libras e sobre qual seria o meu papel neste universo.

Eu aprendi com os professores como ser Tradutora e Intérprete de Libras e sei que é algo que serei pelo resto da minha vida. Mas outro lado da universidade me chamou a atenção: a pesquisa. Foi pensando no que eu gostaria de pesquisar que eu cheguei à temática da aquisição de linguagem; sempre foi algo que me fascinou ver bebês falando ou sinalizando suas primeiras palavras/sinais. Quando contei para a Professora Lara, ela me guiou para o trabalho sobre/do Instrutor Surdo, que até então eu conhecia muito pouco, através de textos sobre este profissional. Apesar de haver poucos estudos sobre a temática, estes me trouxeram até este momento, onde me encontro encantada pela pesquisa que fiz. E assim pude entender como o trabalho do Instrutor Surdo é importante, e como esse trabalho é realizado.

Assim, proponho como objetivo geral desta pesquisa compreender o trabalho do Instrutor Surdo numa escola com proposta de educação bilíngue, bem como este se dá e quais estratégias são implementadas por este profissional, visando valorizar a Libras e a identidade surda.

O primeiro capítulo deste estudo versa sobre o processo de desenvolvimento da comunidade surda no Brasil, explorando o histórico de lutas desta comunidade, para conquistar direitos linguísticos e, posteriormente, direitos educacionais, uma vez que a inclusão do capítulo relacionado à educação de surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2021) é um acontecimento recente. Além disso, neste capítulo, também serão discutidos alguns conceitos da teoria de Vygotsky (1989; 2008) que se concentram no desenvolvimento da linguagem em crianças.

Já o segundo capítulo, aborda a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, detalhando os procedimentos realizados. Foram propostas observações em sala de aula, durante oficinas ministradas pelo Instrutor Surdo para crianças surdas em processo de aquisição de linguagem, com posterior registro em diário de campo.

No capítulo três são desenvolvidas as análises e discussões dos dados coletados, a partir da apresentação de recortes dos relatos dos diários de campo, e embasados pelas teorias abordadas no capítulo teórico deste trabalho.

Por fim, apresento as considerações finais, não com o intuito de dar por encerrado o estudo, mas indicando os percursos científicos que ainda podem ser trilhados a partir das lacunas encontradas nesta pesquisa.

## CAPÍTULO I

### BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A educação de surdos no Brasil surgiu a partir da criação do Instituto de Surdos-Mudos - atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês Ernest Huet, que veio ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II para trabalhar na educação de surdos. No início, os surdos eram educados pela escrita, fala e através de sinais, no entanto, nem todos os surdos possuíam aptidão para a fala, portanto, havia o uso da língua francesa de sinais que influenciou no surgimento da língua brasileira de sinais, conhecida hoje como Libras. Pouco depois que Huet veio ao Brasil, ocorreu o Congresso de Milão no ano de 1880, onde foi decidido que a educação de surdos se daria exclusivamente por meio da oralização. Assim como na maioria dos países do mundo, a língua de sinais foi proibida no Brasil e apenas a oralização era aceita como forma de educação para indivíduos surdos (CARVALHO; NÓBREGA, 2015).

Após um longo período de lutas da comunidade surda e do insucesso do ensino da oralidade, apenas no ano de 2002 foi sancionada a Lei 10.436 (BRASIL, 2002), que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda no Brasil, mas que ainda não garantia os direitos plenos de acessibilidade como a presença do intérprete em espaços públicos e privados, tampouco sobre a educação bilíngue.

Posteriormente, no ano de 2005, foi sancionado o Decreto n ° 5.626 (BRASIL 2005) que orienta sobre a educação de surdos e torna obrigatória a presença de intérpretes de Libras em espaços educacionais em que haja alunos surdos, em consonância com o direito de aprender Libras como primeira língua e o português, na modalidade escrita, como segunda.

Quanto à Lei que rege a educação no Brasil, a principal referência é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que foi sancionada no ano de 1996 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, e define as regras desde a educação infantil até o ensino superior (BRASIL, 1996). Até o ano de 2021, a educação de surdos especificamente não estava presente na LDB, porém houve uma atualização no ano citado, referente à educação de surdos, reconhecendo a educação bilíngue como necessária ao desenvolvimento da criança surda, e passando a vigorar como uma modalidade de educação (BRASIL, 2021):

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizante, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021, s.p.).

Além do reconhecimento de uma educação diferenciada à comunidade surda, há menções na referida Lei sobre a necessidade de atenção às especificidades deste ensino, conforme se observa no Artigo 78 A, inciso primeiro da atualização, que expressa que o sistema de ensino bilíngue deve proporcionar aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura (BRASIL, 2021).

Partindo deste contexto, discutiremos como se dá o processo de desenvolvimento de linguagem da criança surda, trazendo reflexões sobre este processo dentro das escolas, especialmente aquelas com propostas bilíngues, a fim de embasar e justificar os objetivos deste estudo.

## **O PAPEL DO INSTRUTOR SURDO E O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS SURDAS**

De acordo com Vygotsky (1989), o desenvolvimento humano não ocorre simplesmente pela relação direta do sujeito com o objeto, mas nas relações, na mediação. Portanto, uma criança precisa de um sujeito mais experiente que ela que faça essa mediação entre a criança e o mundo o qual a cerca, dando a ela significados e sentidos.

O autor destaca a importância da linguagem no desenvolvimento humano; é nela e por ela que nos tornamos seres humanos capazes de pensar, nos expor e nos relacionar com as pessoas e com o conhecimento. Pinto e Santos (2020) apontam, também com base em Vygotsky (1989), a relevância da língua nos processos de interação social e desenvolvimento, conforme se observa:

Desde pequenas crianças recebem um conjunto de estímulos e informações que contribuem para o processo de reconhecimento de si como indivíduo e como parte de um coletivo, ou seja, a importância da língua para a aprendizagem vai além da construção do aspecto social do indivíduo [...] através das vivências de linguagem proporcionadas pelo ambiente social da criança é que o sujeito se desenvolverá. Para o autor, portanto, o meio social é o que constitui o indivíduo, a partir das interações, a linguagem emerge e o pensamento se desenvolve (PINTO, SANTOS, 2020, p.2).

Assim sendo, para que haja desenvolvimento pleno das capacidades da criança, é necessário que, além de oportunidades e vivências, lhe seja proporcionado um ambiente linguístico acessível, o que nem sempre é possível para a criança surda, uma vez que estas estão, majoritariamente, num meio social ouvinte.

Com relação ao desenvolvimento de crianças surdas, segundo Moura (2013) mais de noventa por cento das pessoas surdas que nascem no Brasil são de famílias ouvintes. Portanto, para crianças surdas, a comunicação no âmbito familiar é escassa e normalmente feita por gestos caseiros, o que limita a comunicação para apenas necessidades básicas, excluindo a presença de elementos subjetivos e a estruturação da fala tanto em língua de sinais quanto na língua oral, uma vez que surdos e ouvintes possuem línguas diferentes e se expressam de maneira distinta.

É de suma importância que crianças tenham contato com alguma língua desde o período pré-linguístico que é a fase anterior às primeiras palavras de um bebê. Este período é marcado por emissão de sons que progridem do choro e da produção de fones como “ahhh” ou “gritinhos”, para os balbucios, gestos e imitação de sons, embora não haja compreensão dessa imitação (MIRANDA, SENRA, 2012 p. 3).

Quando uma criança surda tem contato desde o período pré-linguístico com um sujeito adulto surdo, ela poderá adquirir uma língua que permita seu desenvolvimento cognitivo, compreensão desses elementos subjetivos, em uma língua de conforto (SANTIAGO; ANDRADE, 2013). O Instrutor Surdo é exatamente este adulto, que além de ensinar a língua de sinais para a criança partilha sua cultura por meio de suas vivências sendo uma pessoa surda, dentro da comunidade surda.

O Decreto N°5.626 (BRASIL, 2005) traz este profissional identificado como *Professor de Libras ou Instrutor de Libras*, indicando que são profissionais responsáveis pelo

ensino, uso e difusão da Libras nos espaços educacionais - a nomenclatura Professor ou Instrutor refere-se ao nível de formação do profissional (nível superior e médio, respectivamente). E aponta no Capítulo III, art. 5o, § 2º, que pessoas surdas têm prioridade nestes cargos. Sendo assim, e de acordo com as referências que traremos neste estudo, optamos pelo uso do termo Instrutor Surdo para designar este profissional, conforme expomos a seguir.

Em uma consulta prévia aos meios de divulgação científica (Google Scholar e Portal de periódicos Capes), foram encontradas pouquíssimas pesquisas em que o Instrutor Surdo figura como personagem de relevância na educação de crianças surdas. Esta já seria uma justificativa para aprofundamento científico, considerando a necessidade de explorar as diversas nuances da presença (ou não presença) deste profissional na educação. Abordaremos, a seguir, aspectos de sua formação, atuação e papéis no desenvolvimento de linguagem, a partir dos estudos encontrados nos últimos anos.

Sobre o Instrutor Surdo e sua formação, e trabalho, que será objeto de estudo nesta pesquisa, o Decreto nº 5. 626 (BRASIL, 2005) aponta:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de Instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - Cursos de educação profissional;

II - Cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação (BRASIL, 2005, s/p).

Nota-se que há algumas incoerências quanto à formação desejável a este profissional, exigindo-se formação em nível superior, mas admitindo-se formação em nível médio. Esta polêmica, que inclui até mesmo a discussão sobre qual a denominação mais adequada ao profissional, é tratada por Rocha e Nascimento (2019). As autoras apontam a falta de valorização do instrutor, que atua como docente/professor/educador, mas não é visto como

tal. Apesar dos inúmeros problemas relacionados a isto, como a contratação, os baixos salários e outros fatores, as autoras destacam o papel fundamental do educador surdo no espaço educacional, visto ser responsável por possibilitar o desenvolvimento da subjetividade de crianças surdas e, conseqüentemente, possibilitar o acesso ao conhecimento de mundo.

Santos (2007) já apontava em sua pesquisa, em um período que pouco discutia a presença do Instrutor Surdo no espaço educacional, a relevância deste profissional para o desenvolvimento de crianças surdas. Com enfoque nos anos iniciais do ensino fundamental, a pesquisa retrata a atuação do Instrutor Surdo em Oficinas de Libras, um espaço destinado ao ensino de Libras como primeira língua, mas com características distintas do ensino formal em sala de aula, haja vista sua responsabilidade em cumprir uma função que caberia à família, estimular o desenvolvimento de linguagem. Os resultados indicam que para além do ensino da língua de sinais, que é fundamental para uma real inserção social da criança surda, o Instrutor Surdo também se apresenta como modelo linguístico e identitário, promovendo o desenvolvimento global das crianças e possibilitando, a partir da Libras, que os conhecimentos que circulam na escola lhe fossem acessíveis.

Em uma pesquisa sobre o processo de transformação do gesto em sinal em crianças surdas, Santos e Gil (2012) indicam que o Instrutor Surdo tem grande relevância, não apenas pelo domínio da língua e por ser modelo identitário, mas também por proporcionar o ensino com estratégias voltadas ao desenvolvimento da visualidade. De acordo com as autoras, por meio de um ambiente linguístico que tenha ensino adequado, o Instrutor Surdo promove na criança uma maior capacidade de abstração, bem como possibilidades de se tornar narradora e ter maior autonomia na língua de sinais, aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento linguístico/cognitivo.

Giammelaro, Gesueli e Silva (2013), por sua vez, revelam que o papel de grande relevância do Instrutor Surdo na escola diz respeito à construção da identidade das crianças. Em um ambiente onde a grande maioria dos profissionais é ouvinte, a presença de um adulto fluente em Libras, em que a criança se reconhece, pode proporcionar experiências ricas e importantes ao desenvolvimento. Quer seja por carregar certa “autoridade” e protagonismo no uso da língua, quer seja por oferecer possibilidades de conhecimento da cultura surda, o fato é que a presença do Instrutor Surdo é necessária pois gera identificação por parte da criança surda em relação a este outro indivíduo também surdo, pois permite que aquele vislumbre a vida adulta como sujeito surdo.

Alguns trabalhos internacionais também sugerem a relevância do Instrutor surdo na educação. No Chile, por exemplo, a Comissão Sistema Nacional de Certificação de Competências Laborais (CSNCCL), aponta que o papel do Instrutor Surdo na educação bilíngue chilena é “realizar o processo de transmissão da Língua de Sinais Chilena (LSCh), identidade e cultura surda aos estudantes surdos e a comunidade educativa, de acordo com as características do contexto escolar” (CSNCCL, 2018, p. 1).

Nos Estados Unidos, estudos relacionados à comunidade surda reforçam a importância da identidade da pessoa surda, além de que ela está fortemente ligada a questões linguísticas, uma vez que o uso da língua de sinais é uma das principais características que definem a comunidade surda. Carty (1994) cita quais características estão incluídas na identidade surda:

- Abraçar sua surdez como uma parte essencial e positiva de si mesmo;
- Reconhecer e participar da cultura surda, particularmente por meio da língua de sinais, e
- interpretar o mundo que o cerca de forma compatível com a experiência de uma pessoa surda. (CARTY, 1994 p.41).

Uma pesquisa Sul Africana com pessoas surdas sobre as questões de identidade, mostra o quão importante os anos escolares são para a construção dessa identidade; segundo Mcilroy e Storbeck (2011) frequentar escolas de surdos fez com que a maioria dos participantes da pesquisa conseguisse se entender como pessoa surda. Ao voltar nosso olhar para a realidade brasileira, nota-se que nem todos os estudantes surdos têm oportunidade de frequentar uma escola específica para surdos, mas a presença de pares surdos e um Instrutor Surdo é o primeiro passo para se cumprir este quesito, que é direito dos estudantes surdos.

Percebe-se que, a partir desta breve revisão bibliográfica, há poucos trabalhos na atualidade que abordam a presença e relevância do trabalho do Instrutor Surdo no espaço educacional, o que nos motiva a adensar os estudos acerca da atuação deste profissional na atualidade.

Todavia, a este fato, soma-se a nova orientação presente na Lei nº 14.191 (BRASIL, 2021) que prevê que a educação bilíngue para surdos deve conter, dentre as propostas de ensino, “a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura” (BRASIL, 2021), compreendendo ser então, uma função que cabe ao profissional Instrutor Surdo, por seu envolvimento na comunidade surda e formação.

Pelas razões expostas até o momento, o objeto deste estudo é o Instrutor Surdo, profissional de suma importância no desenvolvimento da criança surda, e cujas pesquisas pouco exploram seu papel e funções. No capítulo a seguir trataremos dos objetivos da pesquisa e do percurso metodológico para sua realização.

## CAPÍTULO 2

### MATERIAL E MÉTODO

O objetivo geral deste estudo foi investigar como se dá o trabalho do Instrutor Surdo, buscando compreender como é este trabalho e quais as estratégias utilizadas em sua oficina, para promover o aprendizado da criança surda - considerando neste aprendizado a construção identitária da criança surda e também a valorização de sua língua e cultura.

Para tal, analisou-se o trabalho de um Instrutor Surdo dentro da sala de aula, junto à crianças surdas da educação infantil, em uma escola com proposta de educação bilíngue para surdos do interior de São Paulo, a fim de descrever e analisar suas práticas de ensino junto a crianças surdas.

Esta proposta configurou-se como uma pesquisa qualitativa, mais especificamente um estudo de caso. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de educação infantil com Programa de Educação Bilíngue para surdos, em um município de médio porte do Estado de São Paulo, onde há presença e atuação do profissional Instrutor Surdo junto a crianças surdas. Exploraremos melhor estes aspectos a seguir.

De acordo com Gil (2008), caracteriza-se como estudo de caso a pesquisa que é desenvolvida a partir de um olhar para um ou poucos objetos, visando um conhecimento aprofundado, amplo e detalhado sobre este. Trata-se de um estudo empírico, utilizado com o intuito de observar fenômenos em contextos de realidade, evidenciando e descrevendo situações complexas e que necessitam ser exploradas.

Neste estudo o objeto de pesquisa foi o trabalho do Instrutor Surdo; conforme mencionado anteriormente, as pesquisas mais atuais sobre o tema não exploram de maneira aprofundada seu fazer cotidiano e sua relevância nos processos de desenvolvimento e aquisição de linguagem por crianças surdas, além de sua função dentro da equipe pedagógica voltada para a educação bilíngue de surdos. Destaca-se, portanto, a necessidade de conhecer detalhadamente sua atuação. Os critérios de inclusão do participante foram: ser surdo; ser fluente em Libras; atuar como Instrutor surdo em escola com educação bilíngue; ministrar aula para crianças surdas. Diante dos critérios elencados, buscou-se uma amostra por conveniência, visto se tratar de um profissional pouco comum em escolas públicas.

Para a coleta de dados utilizou-se como instrumento a observação em sala de aula, com registro em diário de campo.

A observação é fundamental para a formulação do problema de pesquisa e tem papel de grande relevância. Segundo Gil (2008), a observação é o uso dos sentidos para a captação de conhecimentos presentes no cotidiano, porém utilizada como procedimento científico. Sua vantagem é a possibilidade de perceber os fatos de forma direta e sem intermediação, mas para isso necessita de um planejamento sistemático, visando manter a espontaneidade dos fatos observados. Neste estudo propôs-se o uso da observação simples, que é “aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator” (GIL, 2008, p. 101).

Conforme propõe o autor, a melhor maneira de registrar a observação é por meio de diários ou cadernos de nota, no momento em que a ação acontece. Vasconcelos e Franisco (2015) apontam os registros em diário como importante instrumento de coleta de dados em ambiente escolar, e destacam que:

[...] não devem ocorrer de forma apenas descritiva. Para cumprir sua função é mister que possua caráter reflexivo e analítico, apresentando registros após as observações de cada dia, os quais passarão por uma leitura atenta com o intuito de estabelecer escolhas e direcionamentos das narrativas e de outros dados, de acordo com os objetivos e questões da pesquisa. A análise do diário possibilita, também, a emergência da subjetividade da pesquisadora e seus encontros e embates com os demais agenciamentos que se deparará no decorrer da pesquisa, constituindo mais uma via de acesso àquilo que não está formalmente estabelecido pelos códigos e normas que regulamentam o funcionamento das escolas investigadas (VASCONCELOS; FRANISCO, 2015, p.412).

É importante ressaltar que todos os procedimentos foram iniciados após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (Protocolo 66003122.8.0000.5504) e mediante o aceite da Secretaria de Educação do município onde o estudo foi desenvolvido, e do aceite e assinatura do participante da pesquisa.

## LOCAL DA PESQUISA

O município onde a pesquisa foi realizada, possui três escolas com Programa de Educação Bilíngue, sendo uma da educação infantil, outra de ensino fundamental I, e a terceira é voltada para o ensino de jovens e adultos. Essas escolas oferecem oficinas<sup>1</sup>de Libras ministradas por instrutores surdos, além de aulas de português como segunda língua. E, no caso da escola de educação infantil, todas as aulas são lecionadas por professores bilíngues formados em pedagogia, que ministram os conteúdos diretamente em Língua Brasileira de Sinais - Libras, como língua de instrução.

No caso das crianças da educação infantil, local onde se pretendia realizar as observações da atuação do Instrutor, nos foi informado que as oficinas aconteciam no contraturno em outro espaço. Portanto, apesar de as crianças frequentarem a escola de educação infantil no período da manhã, a pesquisa foi feita em outra instituição, no período da tarde, em contraturno às aulas regulares. A escola onde a coleta de dados foi realizada é uma escola de pequeno porte; as oficinas eram oferecidas em uma das salas, onde ficavam apenas o Instrutor Surdo, as crianças e um familiar da criança, responsável por ela, que permanecia na sala de aula, geralmente durante toda a oficina. A sala possuía uma estante com livros e alguns brinquedos, mas os brinquedos utilizados pelo Instrutor Surdo normalmente eram trazidos por ele até a sala da oficina antes da chegada das crianças.

## PARTICIPANTE

O participante desta pesquisa é um Instrutor Surdo, tem trinta e um anos de idade, e é usuário fluente de Libras desde a infância, tendo aprendido a língua no contato com a comunidade surda. Trabalha como Instrutor Surdo na referida escola bilíngue há um ano e, atualmente, está cursando o ensino superior à distância. Neste trabalho usaremos o nome fictício Rafael, visando proteger a identidade do participante e mantê-lo anônimo.

Rafael nunca havia atuado como Instrutor Surdo em escolas anteriormente, e sua experiência de ensino de Libras deu-se somente em cursos de curta duração de Libras, oferecidos por ele em instituições, voltados para pessoas ouvintes. Esta é sua primeira experiência de ensino junto a crianças surdas. Inicialmente atuou em duas escolas, sendo uma

---

<sup>1</sup>As oficinas ofertadas nesta escola seguem o mesmo modelo apontado por Santos (2007) e configuram-se como um espaço para troca de experiências e desenvolvimento linguístico, não tendo características tradicionais de aulas.

destinada à educação de jovens e adultos, e outra destinada à educação infantil. No entanto, recentemente o mesmo assumiu definitivamente seu cargo junto à educação infantil.

Rafael iniciou seus estudos no ensino superior no ano de 2021, quando ingressou em um curso de licenciatura em Educação Especial. Todavia, ao ser chamado para assumir o cargo de Instrutor Surdo junto à escola onde atua, teve de abandonar o curso. Atualmente Rafael está cursando o curso de pedagogia bilíngue em uma universidade, na modalidade Educação à Distância (EaD).

### INFORMAÇÕES SOBRE A COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e maio do ano de 2023, nos dias 20 e 27 de maio, e 4 de junho. Foram três dias de observação em sala de aula, durante três semanas, às quintas-feiras - data em que essas oficinas eram normalmente oferecidas. A duração média era de uma hora a uma hora e meia, por oficina. No momento da observação dessas oficinas, a pesquisadora procurou manter certa distância das crianças e do Instrutor Surdo, visando o mínimo de interferência possível nas propostas e práticas de ensino do Instrutor Surdo. Assim, não houve interação entre as crianças e a pesquisadora, e todas as ações promovidas pelo Instrutor Surdo durante as oficinas, eram registradas de forma escrita em um celular, de forma que chamasse menos atenção, tanto do Instrutor quanto da criança. Após as oficinas, os registros eram organizados em forma de relato, possibilitando um entendimento maior dos dados, que a priori, eram apenas frases curtas desconexas sobre o que havia sido observado no momento, a fim de não perder nenhum detalhe. Durante a coleta, as ações do Instrutor Surdo foram priorizadas em relação às ações das crianças, portanto apenas o que partiu deste profissional é parte relevante nos relatos e fará parte das análises contidas aqui.

### FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Após a coleta, os dados foram transcritos e analisados à luz dos estudos sobre desenvolvimento de linguagem (VYGOTSKY, 1989) e identidade surda, bem como a partir de estudos atuais acerca da educação bilíngue para surdos (LACERDA; SANTOS, 2013; LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016; PINTO; SANTOS, 2020; TURETTA; LACERDA, 2018).

A forma de apresentação dos dados será feita por recortes das anotações em diário de campo, visando expor momentos relevantes ao desenvolvimento da linguagem das crianças surdas. A escolha dos recortes e trechos emergiu a partir do olhar da pesquisadora diante de fatos importantes, sempre permeados pela literatura e pela legislação que orienta o trabalho do Instrutor Surdo.

Os trechos retirados do diário de campo serão apresentados em *itálico*, para diferenciar os dados das análises. Serão apresentados neste estudo três episódios de interesse, nomeados: “Cai não cai”, “Aluno novo” e “Faça você mesmo”.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### Episódio 1: “Cai Não cai”

O recorte aqui apresentado trata da observação e registro de uma ação do Instrutor Surdo em sala de aula realizada na data de 20/04/2023.

*Neste dia apenas um aluno surdo participou da aula, em que foi proposta uma brincadeira, com um jogo chamado “Cai Não Cai”. Trata-se de um jogo de varetas, em que o Instrutor parecia ter como interesse o ensino das cores, de números, regras de jogos e a interação/diálogo.*

Imagem 1: Brinquedo utilizado na oficina



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

*A proposta do jogo era, primeiramente, que cada um escolhesse um número, depois palitos nas cores amarelo e vermelho eram introduzidos em um tubo de plástico (nas cores verde e laranja), que tinha uma base azul, com números de um à quatro.*

*Primeiramente o Instrutor Surdo mostrou os números que apareciam na base do brinquedo apontando com o dedo, com o intuito de estimular a criança a contar os números. Logo depois de escolher um número, o Instrutor pegou uma vareta na cor vermelha e uma amarela e perguntou qual a cor de ambas, incentivando a criança a fazer o sinal da cor correspondente a vareta que ele apontava. Perguntou também, se tinha alguma outra cor, como por exemplo a cor azul, na tentativa de saber se a criança conhecia o sinal de cada cor e se estava prestando atenção na brincadeira. Depois de colocar todas as varetas no tubo,*

*eles colocaram várias bolinhas por cima delas e, então, um de cada vez tirava um palito, na tentativa de que as bolinhas não fossem derrubadas. Para além das palavras/sinais que são trabalhados, ensinados e dialogados, algumas outras questões também puderam ser percebidas, como por exemplo, ensinar as regras do jogo, em que um ganha e o outro perde. Então, o Instrutor aparentava estar ansioso, criando um ambiente de competição quando o oponente iria tirar uma vareta, torcendo para que as bolinhas caíssem na base do aluno, ou quando o aluno conseguia tirar a vareta sem derrubar, o Instrutor mostra decepção (por estar “perdendo o jogo), organizando os sentimentos a partir de cada evento presente na brincadeira.*

Nota-se que, para além do ensino da língua de sinais, o Instrutor Surdo promove o desenvolvimento global das crianças, possibilitando, a partir da Libras, que os conhecimentos que circulam na escola lhe sejam acessíveis. Neste episódio percebe-se que o Instrutor Surdo se faz modelo, referência de língua e aquele que medeia o conhecimento, atuando não apenas na construção da subjetividade, mas também na organização do pensamento da criança - funções de suma relevância para o desenvolvimento da linguagem da criança (VYGOTSKY, 1989). Além disso, ele o faz por meio da exploração da visualidade da própria língua de sinais.

Compreendendo a função que cabe ao Instrutor Surdo, por seu envolvimento na comunidade surda e formação, este trabalho buscou compreender também seu papel na construção identitária da criança surda e na valorização de sua língua e cultura. O episódio apresentado demonstra que crianças surdas aprendem a língua da mesma forma que as ouvintes: brincando e na interação com o outro mais experiente. Assim, foi possível perceber, que o Instrutor Surdo tem papel fundamental na escola, e que sua atuação não consiste apenas no trabalho relacionado à identidade e cultura, mas também à constituição da criança, por meio de um trabalho realizado pela e na linguagem.

Outros aspectos importantes trabalhados de forma inicial neste episódio são as regras do jogo e a nomeação dos sentimentos, aspectos de grande relevância no desenvolvimento da linguagem da criança. Sobre a questão das regras presentes nos jogos e no brincar, Vygotsky (1998) aponta que

O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo,

aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brincar. (VYGOTSKY, 1998, p. 130).

O autor ainda afirma que o brincar cria na criança uma relação entre o significado e a percepção visual, ou seja, entre o que ocorre no pensamento e o que é do mundo real. Assim, o brincar e as regras possibilitam à criança compreender as relações, o mundo, e organizar seu pensamento.

Sobre os sentimentos, Rolim et al (2008, p. 177) expõem que “a brincadeira proporciona à criança um contato com sentimentos de alegria, sucesso, realizações de seus desejos, bem como o sentimento de frustração. Esse jogo de emoções a ajuda a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias”. Deste modo, de maneira lúdica e, nota-se, por vezes, não intencional, o Instrutor Surdo ensina, na interação e no brincar, aspectos fundamentais ao desenvolvimento da criança surda, como as emoções.

## **Episódio 2: “Aluno novo”**

O recorte aqui apresentado trata da observação e registro de uma ação do Instrutor Surdo em sala de aula realizada na data de 27/04/2023.

*Neste dia, cheguei à escola e a mãe da criança X estava esperando o início da oficina, junto ao filho (criança X), sentados, e eu me sentei ao lado deles e comecei a conversar com mãe. Ela me disse que o filho tinha 4 anos, tinha o implante coclear havia um ano, mas que não aceitava usá-lo. Essa criança nunca tinha frequentado uma escola bilíngue, apenas um AEE (Atendimento Educacional Especializado), onde a Libras não era utilizada com a criança, a mãe também não sabia libras. Quando entramos em sala de aula, o Instrutor pegou brinquedos que o menino já estava brincando anteriormente e colocou no chão. O menino estava com muito medo do Instrutor pois eles não se conheciam ainda, o tempo todo ele só ficava perto da mãe. Vendo que não teria jeito de trazê-lo para brincar no chão, o Instrutor pegou alguns brinquedos e levou para perto da criança e da mãe, e começou a brincar com ele para “quebrar o gelo”.*

*O menino ainda relutante olhou para o instrutor, mas não esboçou qualquer animação, uma vez que a abordagem do instrutor, neste momento, era ensinar as cores e os*

*nomes dos brinquedos para a criança, o que não funcionou. Numa terceira tentativa de criar vínculo com a criança, o Instrutor pegou brinquedos que imitavam ferramentas (serrote, martelo, chave de fenda) e começou a “fazer de conta” que estava consertando a estante de livros que ficava na sala. A estante estava longe da mãe, mesmo assim essa atitude do Instrutor despertou a curiosidade da criança, a ponto de ela sair de perto da mãe para chegar perto do Instrutor e ver o que ele estava fazendo. A partir daí, os dois saíram pela sala “consertando” as mesas, as gavetas da mesa do professor, a estante. E assim o menino começou a ter segurança com o Instrutor e eles sentaram no chão e conseguiram brincar juntos.*

*Logo após a brincadeira o Instrutor pergunta se a criança está com sede e quer ir beber água (faz o sinal de “sede” “água” e “beber”) e no momento a criança não responde, mas quando o Instrutor estende a mão pra ele, ele aceita e os dois vão de mãos dadas até o bebedouro e tomam água. Eles voltam para a sala e o Instrutor diz que a oficina acabou.*

*O Instrutor apesar de ser um par linguístico da criança, no primeiro contato ainda é um estranho, a criança não se sente à vontade imediatamente, mas há uma apelação para que os laços entre Instrutor Surdo e criança surda sejam a de qualquer adulto e qualquer criança: despertar a curiosidade da criança no ato de brincar.*

É possível notar que os relatos "Cai não cai" e "Aluno novo" apresentam características distintas. Embora o Instrutor Surdo analisado seja o mesmo, as crianças envolvidas se encontram em estágios divergentes de aquisição de linguagem, uma vez que a criança do primeiro relato já possui língua e teve contato com a Libras desde o período pré-linguístico, e a criança do segundo relato que, apesar de já ter idade o suficiente para a fala (período linguístico), não teve contato com nenhuma língua (de forma íntegra e acessível) no período que antecede a observação, portanto esta bagagem de ambas as crianças impactou ativamente nas ações educacionais do Instrutor. Ao receber a criança surda, Rafael inicialmente tentou convidar o aluno para brincar, o que normalmente é feito com o outro aluno. Entretanto, dada a situação, em que a criança não demonstrava confiança para aceitar o convite para a brincadeira, o Instrutor viu-se obrigado a adotar uma estratégia diferente. O objetivo era chamar a atenção da criança de modo a estabelecer um vínculo, permitindo que o primeiro contato com a língua de sinais ocorresse de uma forma mais próxima do natural. A construção de um vínculo afetivo entre a criança surda e o Instrutor Surdo revela-se crucial

para viabilizar o aprendizado, pois através da relação de confiança, torna-se possível o desencadeamento da aquisição de linguagem.

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas é que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Assim, abre-se um espaço para investigações científicas abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem. A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o bebê mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência (Wallon, 1978). Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e, muitas vezes, irmão(s). No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. (TASSONI, 2000, p.2).

Ao usar as ferramentas e simular o conserto de objetos presentes na sala de aula, Rafael mostra para a criança que aqueles objetos possuem significado, que a função deles era consertar coisas como mesas, armários, trazendo o objetivo das ferramentas reais, numa espécie de “faz de conta”, o que de fato captura a atenção da criança e faz com que ela queira ser incluída na brincadeira. A partir das ações do Instrutor, o aluno pega as ferramentas e começa a imitá-lo, a querer consertar, por exemplo, a estante de livros, que inicialmente não é um brinquedo infantil. Mas ela começa a fazer parte da experiência porque as ferramentas, por si só, não eram suficientes para que o Instrutor conseguisse chamar a atenção da criança, mas sim o fazer de conta que a estante precisava ser consertada. E isso é considerado, segundo Vygotsky (2008), um aspecto especial da percepção humana, que surge muito cedo na vida da criança, é a assim chamada percepção dos objetos reais, ou seja, não somente a percepção de cores e formas, mas também de significados.

Portanto, é possível afirmar que no momento em que o Instrutor encontra uma brincadeira que é do interesse da criança, um elo é constituído e o Instrutor tem abertura para explorar o ambiente em que eles se encontram e usar os sinais, não com o objetivo de ensinar ao aluno a nomenclatura dos objetos, mas para estabelecer uma comunicação entre ambos.

Giammelaro et al (2013), em sua pesquisa acerca da atuação do Instrutor Surdo, também destaca a relevância deste profissional junto a crianças surdas pequenas:

No início das interações o Instrutor privilegia a nomeação de figuras e objetos e assume o papel de professor "ensinando" a Libras, salientando aspectos desta língua de forma a dar acesso ao seu funcionamento às crianças surdas. Além disso, em momentos nos quais o Instrutor se destitui do papel de professor, em interação espontânea, podemos observar também a língua de sinais em funcionamento, sendo estes os momentos privilegiados de aquisição (GIAMMELARO et al., 2013, p.525).

### **Episódio 3: “Faça Você mesmo”**

O recorte aqui apresentado trata da observação e registro de uma ação do Instrutor Surdo em sala de aula realizada na data de 04/05/2023.

*Neste dia, o Instrutor Surdo trouxe uma brincadeira de DIY (Do It Yourself) ou “faça você mesmo” com três propostas diferentes: o primeiro foi um aviãozinho de papel, o segundo a confecção de uma minhoca também de papel (que aumenta de tamanho na água) e, por último, um “barquinho” que não afunda numa garrafa, feito a partir de tampa de caneta, massinha e uma garrafa plástica. Ressalta-se que nenhuma das brincadeiras foi testada anteriormente.*

*O aluno se atrasou, então o Instrutor Surdo testou o primeiro “brinquedo”, que não deu certo, então o Instrutor decidiu que não apresentaria este para o aluno. Quando o aluno chegou, o Instrutor perguntou como o aluno estava sinalizando: “está tudo bem? Vamos brincar?”, e já o chamou para brincar, comentando com ele que seria uma brincadeira diferente. O menino olhou para a mesa, percebeu que tinha água, papel, canetinha; ele já esboçou um sorriso, demonstrando que aquilo interessava a ele. Então os dois sentaram de frente um para o outro. O Instrutor começou a explicar como seria a confecção da minhoca, disse que precisava decorar o papel primeiramente. No começo, a criança pegou a canetinha e coloriu aleatoriamente, mas depois ela olhou para o Instrutor que estava fazendo linhas retas combinando, com formas geométricas específicas, e então a criança mudou seu desenho e começou a fazer exatamente igual ao desenho do Instrutor Surdo. É importante mencionar que durante a execução da atividade o Instrutor provocava diálogos, questionando as cores utilizadas e outras questões referentes aos objetos em confecção. Eles*

*finalizaram a minhoca, o Instrutor enrolou a minhoca feita por ele e o menino repetiu; quando ele precisou tirar a minhoca do lápis, o menino não conseguiu e o Instrutor conseguiu com dificuldade. O Instrutor pegou da mão do aluno e fez para ele, e ambos colocaram a minhoca na vasilha com água. O experimento foi um sucesso, ambos comemoraram e o Instrutor perguntou para a criança o que deveria fazer com os objetos utilizados na brincadeira; a criança não respondeu e olhou para o Instrutor como se esperasse uma resposta. O Instrutor pegou a lixeira e jogou uma das minhoquinhas, e a criança jogou a segunda. Após este momento o Instrutor disse que tinha outra brincadeira.*

*O instrutor, então, pegou a tampa da caneta e explicou que precisava fazer duas bolinhas de massinha: uma grande e uma pequena. A criança fez uma e o Instrutor Surdo fez outra, e aquele colocou a bolinha pequena na ponta da caneta pra tampar o burquinho, e a outra maior na outra pontinha da caneta; a garrafa já estava com água (o Instrutor já havia preparado), e quando eles colocaram o “barquinho” na garrafa e, contrariando as expectativas, afundou. O Instrutor tentou novamente, modelando mais a massinha, mas sem sucesso. A brincadeira falhou e ele sinalizou para a criança: “esse não deu certo, o outro da minhoquinha deu certo, mas esse não”.*

É possível notar que o Instrutor é, para a criança, um modelo a ser seguido, pois ele tende a fazer as atividades de forma similar ao profissional - como quando ele mudou o seu desenho para parecer mais com o do Instrutor, ou quando ele repete a ação de descartar os restos do experimento após ver o Instrutor fazendo. Para além disso, a brincadeira proposta pelo Instrutor chamou a atenção pois não eram brincadeiras prontas, ambos teriam que construir juntos e assim o fizeram. Apesar do Instrutor fazer as tarefas difíceis e ser quem mostra como a construção dos brinquedos funciona, a criança tinha liberdade para fazer do jeito dela também, tinha autonomia para tentar e caso não conseguisse, poderia pedir ajuda.

Essa atividade mostrou-se de suma importância, pois utiliza de objetos concretos para explorar os conhecimentos anteriormente adquiridos pela criança como colorir e colocar em prática no momento da brincadeira. Nunes (2002), aponta que o brincar é uma atividade fundamental ao desenvolvimento social, intelectual e emocional da criança, e proporciona experiências qualitativamente essenciais para seu desenvolvimento.

O Instrutor, embora não demonstre abertamente uma intenção de ensino, busca por meio da brincadeira chamar a atenção visual da criança, através de uma brincadeira diferente, aspecto de grande relevância pois, na Libras, se não há atenção visual, não há entrada de informações. Ademais, a brincadeira promove uma ação dinâmica, onde é necessária a

construção dos brinquedos, recrutando a organização e a imitação, em que a criança se prende à função de modelo do adulto. Para além disso, ele insere pequenos diálogos, despertando na memória da criança elementos já aprendidos, retomados na brincadeira. Assim, nota-se que a brincadeira tem grande relevância nesta etapa de aprendizagem, pois conforme expõem Pinto e Santos, com base em Vygotsky,

Vygotsky (1991) coloca como temas centrais em suas pesquisas o desenvolvimento humano, o aprendizado e as relações entre o desenvolvimento e o aprendizado. Por consequência, ele desenvolveu estudos sobre a visível relação da atividade infantil com o desenvolvimento, apontando o brincar como referência para a estruturação psíquica das crianças. “É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos” (p. 64). Compreende-se, então, que é a partir do brincar que a criança dá significado às relações, objetos, acontecimentos, de modo desprezioso, mas carregado de signos, que vão ser a propulsão para a internalização dos conhecimentos e da língua. (PINTO; SANTOS 2020, p.4).

Deste modo, ao ser modelo e referência de língua para a criança, aos poucos o Instrutor vai construindo com ela as questões identitárias; compreender-se surdo e apropriar-se da língua de sinais são os primeiros passos na direção do desenvolvimento pleno da criança surda, considerando e valorizando a Libras como sua primeira língua e língua que dará acesso aos conhecimentos de mundo.

Percebe-se, assim, que as brincadeiras são recursos e possuem estratégias que podem promover o aprendizado e desenvolvimento de linguagem, pois é nelas que a criança se expressa de forma espontânea, onde suas vontades e ideias são expressas através da língua, mas principalmente do lúdico, que é tão importante para crianças de modo geral.

Este episódio possibilitou a observação de aspectos relevantes tratados em diálogos cotidianos entre Instrutor e criança, tais como: regras de convivência, regras da escola, o ensino da Libras e até mesmo a frustração de uma atividade que não funcionou como previsto. Todos estes processos foram proporcionados por meio da língua mais acessível à criança e através da brincadeira, despertando de forma inicial sua identidade e valorizando sua língua.

A maioria dos estudos tem como base a ideia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua. Portanto, o uso ou não da língua de sinais seria aquilo que definiria basicamente a identidade do sujeito, identidade que só seria adquirida em contato com outro surdo. O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas

possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral. A aquisição de uma língua, e de todos os mecanismos afeitos a ela, faz com que se credite à língua de sinais a capacidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo (SANTANA; BERGAMO, 2005 p.567).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi investigar como se dá o trabalho do Instrutor Surdo, buscando compreender como é este trabalho e quais as estratégias utilizadas em sua oficina, para promover o aprendizado da criança surda, considerando neste aprendizado a construção identitária da criança surda e também na valorização de sua língua e cultura. A partir da observação simples em sala de aula, junto a um profissional que atua com crianças surdas da educação infantil, foi possível perceber aspectos relevantes e que respondem ao objetivo proposto.

Durante o processo de coleta de dados notou-se que a criação de vínculo é primordial para o processo de ensino e aprendizagem, e que este vínculo não é imediatamente estabelecido. As crianças surdas, em diferentes fases de aprendizado, exigem diferentes estratégias e abordagens, todavia em todas elas, é possível perceber que a brincadeira é o elo de ligação entre criança e Instrutor Surdo. Portanto, é fundamental ao Instrutor o conhecimento sobre o brincar no desenvolvimento infantil, bem como possibilitar diversas opções de interação à criança.

A mediação do Instrutor Surdo no contexto escolar por si só não garante que a criança surda aprenderá a língua de sinais, mas o uso da língua associado ao brincar torna a oficina um ambiente de aprendizagem natural, e permite que a criança se sinta confortável para se expressar e explorar novos conhecimentos por meio da Libras. Novos sinais vão surgindo nos momentos de interação e sendo significados pelo outro (Instrutor) de forma lúdica, possibilitando a compreensão de mundo.

As questões de identidade ainda não aparecem de forma clara nesta faixa etária, visto que as crianças ainda são muito pequenas e, no momento, a subjetividade da criança e o seu entendimento sobre quem elas são ainda estão em processo de construção. Todavia o Instrutor chama a atenção para questões da visualidade presentes na língua a todo momento, questões estas que marcam a surdez e constituem o surdo e sua língua, além dos impactos do desenvolvimento na relação proximal através da língua, que provavelmente se diferem da relação com os ouvintes, por exemplo. A presença do par linguístico, como já mostrado em

diversos estudos, é de grande importância no desenvolvimento de alunos surdos, e foi possível observar que as crianças estabeleciam uma relação com o Instrutor e o enxergavam como um modelo linguístico.

Compreende-se, assim, que o objetivo proposto foi atingido, e ressalta-se a relevância da presença deste profissional nas escolas, fato pouco comum nos dias atuais, conforme observou-se nas pesquisas apresentadas neste estudo (referências dos estudos). Investir na formação deste profissional parece ser de extrema importância, pois o Instrutor Surdo tem grande responsabilidade na formação/constituição da criança surda, mas muitas vezes sua atuação mostra-se mais instintiva e menos planejada.

Espera-se, a partir desta pesquisa, trazer contribuições para os estudos na educação bilíngue de surdos, e, que outras pesquisas aprofundem os aspectos aqui levantados, visando colaborar para discussões mais detalhadas sobre o fazer do Instrutor surdo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Acesso em: 5 jul. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 5 jul. 2022.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação: Lei nº 14191 – 03 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 2021. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm)>. Acesso em: 3 jul. 2022.

CARVALHO, V. O.; NÓBREGA, C.S. R. A história da educação dos surdos: o processo educacional inclusivo. **II SEMINÁRIO POTIGUAR: EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE—UMA QUESTÃO DE EFETIVAÇÃO DE DIREITOS**, 2015.

CATIN QUICEL, G. K.; VILLANUEVA VALLEJOS, V. B.; MUÑOZ VILUGRÓN, K. A.; *et al.* Coeducador y modelo lingüístico: presencia de lacomunidad sorda enel contexto educativo chileno y colombiano. **Perspectiva Educacional**, v. 59, n. 2, p. 136–162, 2020.

CARTY, Brenda. **The DevelopmentofDeafIdentity.** In: ERTING, C. J. et al. *The Deaf Way: Perspectives fromtheInternationalConferenceonDeaf Culture.* Washington D.C: GallaudetUniversity Press, 1994. (41-43)

CSNCCCL. **Comisión Sistema Nacional Certificación de CompetenciasLaborales.** Ficha de Perfil Ocupacional Co-Educador(a) sordo(a) de Lengua de Señas Chilena y Cultura Sorda. Disponível em: <https://certificacion.chilevalora.cl/ChileValora-publica/perfilesEdit.html?paramReque>> Acesso em: 11 jul. 2022.

GIAMMELARO, C. N. F.; GESUELI, Z. M.; SILVA, I.R. A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. **Educação & Sociedade** [online]. 2013, v. 34, n. 123 [Acessado 15 julho 2022], pp. 509-527.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

LACERDA, C. B. F de; SANTOS, L. F. dos; MARTINS, V. R. de O. **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos.** São Carlos, EDUFSCar, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MCILROY, Guy; STORBECK, Claudine. Development of Deaf Identity: An Ethnographic Study. **The Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 16, n. 4, p. 494–511, 2011. Disponível em: <https://academic.oup.com/jdsde/article/16/4/494/551253> .

MIRANDA, J. B; SENRA, L. X. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. **O portal dos psicólogos**. p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0306.pdf> .

MOURA, M. C.. Surdez e Linguagem. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. – São Carlos: EdUFSCar, 2013.

PINTO, M. M.; SANTOS, L. F. dos. A contribuição das brincadeiras para o aprendizado de Libras por crianças surdas. **The Especialist**, [S.l.], v. 41, n. 1, maio 2020. ISSN 2318-7115. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/esp/article/view/42412>>.

ROCHA, D. S.; NASCIMENTO, L. C. R. Professor ou instrutor? Reflexão sobre a profissão do educador surdo. **Revista Sinalizar**, v. 4, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/59944>>. Acesso em: 3 jul. 2022.

ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S.S.F.; TASSIGNY, M.M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008. Disponível em: [http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+\\_vygotsky.pdf](http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.pdf)

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 565-582, 2005.

SANTIAGO, V. de A. A.; ANDRADE, C. E. de. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. In: ALBRES, N. de A. **Libras em estudo: política linguística**. 2013.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; SILVA, Graciela Nunes da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 86-101, 2016. Disponível em: <https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>

SANTOS, L.F.dos. **O Instrutor Surdo em uma escola inclusiva bilíngue**: sua atuação junto aos alunos surdos no espaço da oficina de Língua brasileira de sinais. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

SANTOS, L. F. dos; GIL, M. S. C. de A. Do gesto ao sinal na Educação Infantil: o aprendizado de Libras por crianças surdas. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Anais da 23o. Reunião anual Anped 2000**. Caxambu/MG, 2020. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>.

TURETTA, B. A. dos R.; LACERDA, C. B. F. de. Representação simbólica por crianças surdas na Educação Infantil. **Horizontes**, v. 36, n. 3, p. 24 - 35, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/718/312>.

VASCONCELLOS, S.C.; FRANISCO, A.L. Uso do diário de campo em investigações no ambiente escolar: A construção de uma metodologia. **CIAIQ2015**, v. 2, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

## ANEXOS

### ANEXO I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS / LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>2</sup>**

**(Resolução CNS 510/2016)**

**A IMPORTÂNCIA DO INSTRUTOR SURDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE  
LINGUAGEM E IDENTIDADE DO ESTUDANTE SURDO**

Eu Ester Chaves Pessoa, estudante do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, o (a) convido a participar da pesquisa “A importância do Instrutor Surdo para o desenvolvimento de linguagem e identidade do estudante surdo” orientada pela Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos.

Durante a minha experiência na universidade, tive disciplinas voltadas para a educação de crianças surdas e o papel do tradutor intérprete nesta área, porém apesar de ser abordado diversas vezes o trabalho do Instrutor surdo, percebia que as pesquisas sobre este profissional, ainda são escassas o que me levou a querer entender a relevância do instrutor, no momento em que a criança ainda está adquirindo sua primeira língua, aprendendo sobre quem ela é (sua identidade) e suas próprias subjetividades.

Sendo assim, o convite é feito a você por ser uma pessoa surda, que trabalha como Instrutor de crianças surdas, numa escola com proposta bilíngue para contribuir com minha pesquisa que tem como foco o trabalho que você exerce. Caso você aceite participar da pesquisa, irei agendar junto a escola seis encontros presenciais em sala de aula, no qual eu acompanharei de modo discreto e sem interrupção alguma sua atuação em sala de aula

---

<sup>2</sup>TCLE versão 02, de 27 de fevereiro de 2023.

(embora você interaja com crianças, não pretendo observá-las em nenhum momento, nem mesmo sua interação junto a elas), observando principalmente o seu trabalho, suas estratégias de ensino, enquanto eu escreverei em um diário de campo apenas sobre sua atuação, ou seja, nada sobre as crianças será escrito, de maneira que estas sejam preservadas, uma vez que elas não serão objeto desta pesquisa. Além disso, a pesquisa resguardará o nome da escola e da cidade, e o participante receberá nome fictício, preservando assim sua identidade.

Solicito sua autorização para acompanhar seis encontros em sala de aula, durante sua atuação como instrutor, além de anotar possíveis observações que poderão ser necessárias posteriormente para a estruturação das perguntas de uma posterior entrevista, que será realizada fora da sala de aula, e poderá se dar de maneira virtual (por Google Meet, ou mesmo na escola em um ambiente onde apenas pesquisadora e entrevistado estarão). Para seu conhecimento foi elaborado um roteiro com os temas a serem abordados que será disponibilizado previamente a você, todavia ressalta-se que este roteiro pode sofrer alterações (inclusões ou exclusões) a partir das observações realizadas em sala de aula. Os temas versam sobre: o trabalho desenvolvido por você na escola, o desenvolvimento de linguagem de seus alunos, questões relacionadas à cultura surda e identidade surda, e sobre as legislações atuais acerca da educação bilíngue de surdos. Será marcada uma única entrevista, com data a ser agendada diretamente com você conforme sua disponibilidade. A entrevista terá duração prevista de uma hora e meia, a ser realizada de forma presencial, no local que você preferir, porém, você tem total liberdade para se expressar além do tempo, caso sinta necessidade de complementar. Você pode, ainda, parar a entrevista antes do tempo previsto, e até mesmo reagendar para outro dia de sua preferência. Caso você se sinta desconfortável com qualquer questão, está seguro de que poderá decidir por não respondê-la. Por se tratar de um participante surdo, você tem direito a se expressar em Libras (Língua Brasileira de Sinais), assim como receber as perguntas em Libras, seguro de que a pesquisadora possui fluência para conduzir a entrevista sem a necessidade de intérprete ou qualquer apoio de terceiros.

Solicito também, sua autorização para gravação em vídeo da entrevista. A gravação realizada durante a entrevista semiestruturada será traduzida (da Libras para o português) e transcrita pela pesquisadora e por mais um profissional experiente nessa ação, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Depois de transcrita será apresentada a você para validação das informações, assegurando seu direito de retirar alguma fala, corrigir algo e até mesmo negar a concessão do uso da entrevista para quaisquer pesquisas. Tanto a gravação quanto a transcrição servirão apenas para coleta de dados para a pesquisa e de

maneira alguma será divulgada. A gravação em vídeo se apresenta necessária por ser uma entrevista em Libras, língua gesto-visual, que é utilizada pelo participante. Este conteúdo será armazenado apenas em um dispositivo de HD externo, para garantir o sigilo do conteúdo, isento de compartilhamento em nuvem.. A qualquer momento você poderá interromper tanto a entrevista como minha presença em sala de aula (caso não se sinta confortável ou não queira mais participar da pesquisa), ou mesmo se desejar sugerir uma nova data para o encontro e as visitas. Você poderá rever a gravação da entrevista e retirar o consentimento a qualquer momento caso não se sinta confortável, também poderá ler minhas anotações feitas sobre o seu trabalho em sala de aula em diário de campo, mesmo em um momento posterior aos encontros. Asseguro que tomarei todos os cuidados para não ser invasiva ou grosseira, nem fazer perguntas que possam causar constrangimento a você. Porém, é necessário pontuar que existem riscos, como por exemplo, você se sentir incomodado com as perguntas ou com minha observação e não querer participar. Neste sentido, você tem o direito de encerrar o encontro neste momento e agendaremos um acompanhamento breve com minha orientadora de pesquisa, para que ela possa conversar e acolher você (sempre em Libras). A pesquisa não lhe trará nenhum tipo de benefício pessoal, todavia sua participação pode trazer benefícios para a área da Educação de surdos, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe na escola.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária, não há nenhuma compensação em dinheiro e você não terá nenhum gasto ou custo, mas caso aconteça, você terá a garantia de ressarcimento, como também o direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da participação na pesquisa. Ao final da pesquisa, você receberá por e-mail uma cópia da versão final da minha pesquisa, tendo acesso aos resultados do nosso trabalho.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e por mim, onde constam os meus contatos e o da minha orientadora ao final deste documento.

Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação através desses contatos, a qualquer momento durante a pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade,

localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br) . Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Sendo assim, a instância maior, assim como a CNS atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília - DF. Telefone: (61) 3315-5877. E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br) .

**Dados para contato (segunda a sexta-feira, das 9h às 18h):**

Professora Responsável: Dra. [Lara Ferreira dos Santos](#)

E-mail: [ifsantos@ufscar.br](mailto:ifsantos@ufscar.br)

Pesquisadora: Ester Chaves Pessoa

E-mail: [esterpessoa@estudante.ufscar.br](mailto:esterpessoa@estudante.ufscar.br)

Telefone: (16) 997658225

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

Local e data:

---

Nome do Pesquisador

---

Nome do Participante

ANEXO II

**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da

\_\_\_\_\_, informo que o projeto de  
pesquisa

intitulado \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ apresentado pelo (a) pesquisador (a), \_\_\_\_\_ e

que tem como objetivo principal

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

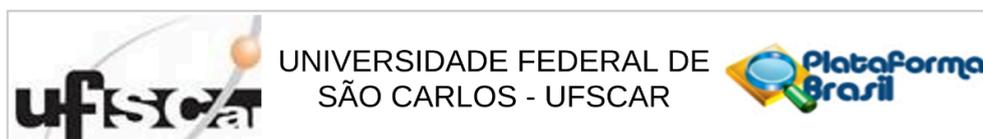
\_\_\_\_\_ foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

**“Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.**

Data: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 20 \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A IMPORTÂNCIA DO INSTRUTOR SURDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM E IDENTIDADE DO ESTUDANTE SURDO

Pesquisador: Lara Ferreira dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66003122.8.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO-CNPQ

#### DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.930.636

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2060308.pdf, de 27/02/2023):

Neste trabalho objetiva-se pesquisar sobre o trabalho do Instrutor Surdo (IS) e a relação entre este indivíduo e a criança surda em aquisição de língua dentro de um espaço educacional bilíngue. Será utilizada como base a atualização de 2021 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), acerca da educação bilíngue de surdos como modalidade educacional e os direitos do aluno surdo no contexto educacional bilíngue. Pretende-se analisar o papel do IS na relação com os estudantes também surdos, que estão em processo de construção identitária, cultural e linguística, visto que as pesquisas sobre o papel deste profissional como responsável pela construção e reafirmação identitária são ainda escassas nos meios de divulgação científica. Justifica-se, assim, a relevância deste estudo, somando-se ainda, à orientação da LDB que aborda a necessidade de valorização da identidade surda dentro do espaço de educação bilíngue. Para tal, serão realizadas observações do trabalho de um instrutor surdo, em uma escola com proposta de educação bilíngue para surdos, em um município de médio porte no interior de São Paulo. A coleta de dados se dará por meio de observação de sua atuação em sala de aula junto a crianças surdas dos anos iniciais do ensino

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.930.636

fundamental, com registro em diário de campo, aliada a uma entrevista com este profissional, para assim compreender como a presença de um modelo linguístico e identitário fortalece a cultura surda e a língua de sinais. Os dados serão apresentados a partir de recortes de trechos de anotações e da entrevista, e analisados à luz de estudos sobre desenvolvimento de linguagem e identidade surda.

#### Metodologia Proposta:

Esta proposta configura-se como uma pesquisa qualitativa, mais especificamente um estudo de caso. Tem-se como participante um Instrutor Surdo, e como instrumentos para coleta de dados será feita uma entrevista semiestruturada e observação e registro em diário de campo. A pesquisa será desenvolvida em uma escola de ensino fundamental com Programa de Educação Bilíngue para surdos, em um município de médio porte do Estado de São Paulo, onde há presença e atuação do profissional Instrutor Surdo junto a crianças surdas. Serão utilizados como instrumentos a entrevista com o Instrutor Surdo e a observação em sala de aula, com registro em diário de campo. A observação é fundamental para a formulação do problema de pesquisa e tem papel de grande relevância. Associada a outras técnicas, como neste caso o registro em diário de campo e a entrevista, pode-se mostrar muito eficiente para a obtenção de dados. SERÁ REALIZADA UMA ÚNICA ENTREVISTA, REALIZADA EM LIBRAS, COM DATA A SER AGENDADA DIRETAMENTE COM O PARTICIPANTE CONFORME SUA DISPONIBILIDADE, QUE TERÁ DURAÇÃO PREVISTA DE UMA HORA E MEIA, A SER REALIZADA DE FORMA PRESENCIAL. Neste estudo propõe-se o uso da observação simples. A melhor maneira de registrar a observação é por meio de diários ou cadernos de nota, no momento em que a ação acontece. Além da observação em sala de aula, com registro em diário de campo, este estudo propõe também a realização de uma entrevista semiestruturada com o Instrutor surdo, visando conhecer de forma mais detalhada sua atuação, ampliando, assim, as possibilidades de descrição do objeto de pesquisa. Esse método foi escolhido justamente para que o Instrutor surdo, que será entrevistado, possa trazer à tona suas experiências como pessoa surda e como IS. As perguntas foram elaboradas a partir da atualização na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 2021, acerca da educação de surdos no Brasil, além das atribuições profissionais do Instrutor Surdo. Após a coleta e transcrição dos dados, os mesmos serão analisados à luz dos estudos sobre desenvolvimento de linguagem e identidade surda, bem como a partir de estudos atuais acerca da educação bilíngue para surdos. A forma de apresentação dos dados se dará mediante a exposição de recortes das anotações em diário de campo e trechos da entrevista, visando o entrelaçamento dos dados e discussão sobre prática e discurso, possibilitando um estudo de caso aprofundado. A

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

escolha dos recortes e trechos emergirá a partir do olhar da pesquisadora diante de fatos relevantes. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão traduzidas e transcritas pela pesquisadora. Será marcada uma única entrevista, com data a ser agendada diretamente com o participante conforme sua disponibilidade. A entrevista terá duração prevista de uma hora e meia, a ser realizada de forma presencial, no local que o participante preferir, porém, o participante tem total liberdade para se expressar além do tempo, caso sinta necessidade de complementar. O participante pode, ainda, parar a entrevista antes do tempo previsto, e até mesmo reagendar para outro dia de sua preferência. Caso o participante se sinta desconfortável com qualquer questão, está seguro de que poderá decidir por não respondê-la. Por se tratar de um participante surdo, o entrevistado tem direito a se expressar em Libras (Língua Brasileira de Sinais), assim como receber as perguntas em Libras, seguro de que a pesquisadora possui fluência para conduzir a entrevista sem a necessidade de intérprete ou qualquer apoio de terceiros.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar como se dá o trabalho do instrutor surdo, mediante o que a legislação propõe, buscando compreender seu papel na construção identitária da criança surda e também na valorização de sua língua e cultura.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos envolvem incômodo do participante com as perguntas ou com a observação da pesquisadora em sala de aula e não querer participar. Neste sentido, o participante tem o direito de encerrar o encontro neste momento e agendar um acompanhamento breve com a orientadora de pesquisa, para que ela possa conversar e acolher o participante (sempre em Libras).

**Benefícios:**

A pesquisa não trará nenhum tipo de benefício pessoal, todavia a participação do Instrutor surdo pode trazer benefícios para a área da Educação de surdos, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe na escola.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

vide o campo "conclusões ou pendências e lista de inadequações"

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:  
vide o campo "conclusões ou pendências e lista de inadequações"

Recomendações:  
vide o campo "conclusões ou pendências e lista de inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Quanto às pendências éticas inicialmente apontadas pelo CEP em parecer anterior (Número do Parecer:5.866.931), a pesquisadora respondeu a todos os questionamentos, enviando para tanto os seguintes documentos complementares e/ou revistos: PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2060308.pdf; CartadeAutorizacaoEscola.pdf; TCLE\_Versao02\_Fevereiro2023.pdf;CartaRespostaVersao01.pdf; anexados em 27/02/2023; e AceiteSecretariadeEducacaoSaoCarlos.pdf; ROTEIROPerguntas.pdf;PROJETOEster.pdf; anexados em 17/02/2023.

- De forma detalhada, seguem as recomendações do CEP em parecer anterior e a resposta dada pela pesquisadora a cada uma delas (conteúdo consta no documento "CartaRespostaVersao01.pdf", de 27/02/2023):

#### PENDÊNCIAS

1.1 Quanto ao protocolo e documentação obrigatória para o envio e análise do CEP:

1.1.1 Quanto ao termo de anuência da instituição coparticipante: Solicita-se que seja enviada carta da escola onde o instrutor surdo atua e onde será realizada a coleta através das observações em sala de aula, nos termos da carta de anuência de instituição coparticipante, conforme disponível em <https://www.propq.ufscar.br/etica/cep/documentos-obrigatorios-para-submissao-de-um-protocolo-de-pesquisa>, uma vez que "Toda pesquisa realizada em Instituição ou local, que não esteja sob responsabilidade do Pesquisador Responsável, demanda autorização prévia da mesma. A pesquisadora deverá apresentar na submissão do projeto, termo de autorização com a assinatura e as informações (nome, cargo, telefone e e-mail) do responsável legal pela instituição na qual serão selecionados os participantes da pesquisa". O modelo da carta de anuência de instituição coparticipante pode ser consultado em: <https://www.propq.ufscar.br>.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

br/etica/cep/modelos-dedocumentos-cep

RESPOSTA: Foram anexadas duas anuências - uma da Secretaria de Educação do município e outra da escola onde o participante da pesquisa atua.

PENDÊNCIA ATENDIDA.

PENDÊNCIA

1.1.2 Quanto ao percurso metodológico: A pesquisadora apresenta no documento ProjetoICEster.pdf, anexado em 08/12/2022: "Posteriormente à observação em sala de aula, com registro em diário de campo, este estudo propõe também a realização de uma entrevista semiestruturada com o Instrutor surdo, visando conhecer de forma mais detalhada sua atuação, ampliando, assim, as possibilidades de descrição do objeto de pesquisa". Solicita-se que seja anexado na Plataforma Brasil o roteiro com as perguntas que irão compor a entrevista (de forma geral, sobre os temas sobre os quais as perguntas versarão), bem como o tempo previsto para a participação da etapa da entrevista, para que o participante possa avaliar se deseja autorizar a participação na pesquisa, de acordo com a Resolução 510/2016: "Art. 9º São direitos dos participantes: I - ser informado sobre a pesquisa;

RESPOSTA: Foram inseridas as informações solicitadas no item do Projeto "Material e Método", com destaque no texto em amarelo. Além disso, anexou-se ao projeto, e também à Plataforma (em forma de arquivo) o Roteiro de Entrevistas. Também foram inseridas as mesmas informações no TCLE, visando dar mais clareza sobre o processo ao participante.

INFORMAÇÕES INSERIDAS NO TCLE:

"Para seu conhecimento foi elaborado um roteiro com os temas a serem abordados que será disponibilizado previamente a você, todavia ressalta-se que este roteiro pode sofrer alterações (inclusões ou exclusões) a partir das observações realizadas em sala de aula. Os temas versam sobre: o trabalho desenvolvido por você na escola, o desenvolvimento de linguagem de seus alunos, questões relacionadas à cultura surda e identidade surda, e sobre as legislações atuais acerca da educação bilíngue de surdos. Será marcada uma única entrevista, com data a ser agendada diretamente com você conforme sua disponibilidade. A entrevista terá duração prevista

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

de uma hora e meia, a ser realizada de forma presencial, no local que você preferir, porém, você tem total liberdade para se expressar além do tempo, caso sinta necessidade de complementar. Você pode, ainda, parar a entrevista antes do tempo previsto, e até mesmo reagendar para outro dia de sua preferência. Caso você se sinta desconfortável com qualquer questão, está seguro de que poderá decidir por não respondê-la. Por se tratar de um participante surdo, você tem direito a se expressar em Libras (Língua Brasileira de Sinais), assim como receber as perguntas em Libras, seguro de que a pesquisadora possui fluência para conduzir a entrevista sem a necessidade de intérprete ou qualquer apoio de terceiros.

PENDÊNCIA ATENDIDA.

PENDÊNCIA

1.1.3 Quanto do documento "TCLExEster.pdf", anexado em 07/12/2022: Solicita-se que seja indicado ao participante, no referido documento e de maneira geral, os conteúdos sobre os quais a entrevista poderá versar e, ainda, explicitar se se trata de apenas um único encontro (ou mais, indicando o número de encontros previstos, se for o caso) e também o tempo médio previsto de participação nessa etapa da pesquisa, para que o participante possa avaliar se deseja autorizar a participação na pesquisa, de acordo com a Resolução 510/2016: "Art. 9º São direitos dos participantes: I - ser informado sobre a pesquisa.

RESPOSTA: Conforme exposto no item anterior, as informações solicitadas foram inseridas no TCLE (em amarelo), visando dar mais clareza sobre o processo ao participante. Também se propõe no TCLE a disponibilização prévia ao participante do Roteiro de entrevista.

PENDÊNCIA ATENDIDA.

OBSERVAÇÕES DA PESQUISADORA: Conforme orientação, as alterações inseridas/modificadas no formulário presente na Plataforma Brasil foram escritas em LETRAS MAIÚSCULAS (CAIXA ALTA) para facilitar a verificação do relator.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

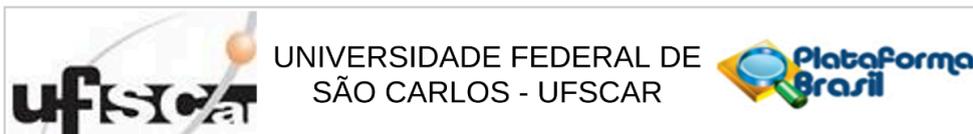
na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil.

**OBSERVAÇÃO:** Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2060308.pdf	27/02/2023 16:00:27		Aceito
Outros	CartadeAutorizacaoEscola.pdf	27/02/2023 15:59:40	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Versao02_Fevereiro2023.pdf	27/02/2023 15:48:03	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
Outros	CartaRespostaVersao01.pdf	27/02/2023 15:47:27	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
Outros	AceiteSecretariadeEducacaoSaoCarlos.pdf	17/02/2023 17:20:09	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
Outros	ROTEIROPerguntas.pdf	17/02/2023 17:18:15	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOEster.pdf	17/02/2023 17:17:56	Lara Ferreira dos Santos	Aceito
Cronograma	CronogramalCEster.pdf	08/12/2022 13:41:45	ESTER CHAVES PESSOA	Aceito
Folha de Rosto	esterfolhaderosto.pdf	08/12/2022 13:36:11	ESTER CHAVES PESSOA	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
 UF: SP Município: SAO CARLOS  
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.930.636

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 08 de Março de 2023

---

Assinado por:  
Sonia Regina Zerbetto  
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 08 de 08